

Caro Professor Antonio José de Almeida Meireles, Magnífico reitor da Unicamp

Cara Professora Maria Luiza Moretti, Coordenadora Geral da Universidade

Prezadas Pró-reitoras e pró-reitores, diretoras e diretores de Faculdades e Institutos de nossa universidade

Cara ex-diretora e ex-diretores do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, o nosso IFCH, a quem cumprimento na pessoa de meus colegas Alvaro Bianchi e Roberto Luís do Carmo

Prezada comunidade ifchiana

Queridas amigas, amigos e familiares que, remotamente, acompanham esta cerimônia

É com muita honra e emoção que tomo posse como diretora do IFCH, ao lado de meu colega Michel Nicolau Netto, cuja generosidade em dividir comigo esta jornada gostaria, antes de mais nada, de agradecer. Honra, por dirigir o instituto em que realizei toda minha formação, e no qual aprendi o ofício de professora e pesquisadora, nesta universidade na qual, há 16 anos, tenho o prazer de trabalhar. Emoção, mesmo na impossibilidade de realizar presencialmente este ritual e de confraternizar com vcs o início deste mandato.

Quando Michel e eu decidimos nos apresentar para a direção do IFCH, partimos de uma certeza: a de que só faria sentido dar esse passo se fôssemos capazes de construir um programa coletivamente. Nossa candidatura foi gestada com a participação de docentes, técnico-administrativos e estudantes que não só deram impulso a este projeto, como confiaram em nossos nomes para conduzi-lo. O engajamento de todas e todos os que se dispuseram a dialogar conosco foi fundamental para a construção de nossa carta-programa e será, certamente, decisivo em nossa gestão. Muito obrigada pelo estímulo de vocês, e pela confiança simbolizada no voto que recebemos! Agradecemos também a Alvaro e Roberto pelo excelente trabalho que fizeram à frente do IFCH e por buscarem, de todas as formas, tornar mais leve esse processo de transição, o que não diminui nossa responsabilidade, nem a complexidade da tarefa que nos foi delegada.

Nosso programa é norteado por dois pilares centrais: a defesa da universidade pública e do conhecimento nela produzido, e a valorização do trabalho acadêmico, em

consonância com os princípios e valores ético-profissionais imprescindíveis para uma produção acadêmica de excelência. A partir desses pilares, assumimos o compromisso de valorizar e defender todos os saberes do IFCH e todas as pessoas que compõem nossa comunidade, assegurando a integridade de seu corpo técnico, docente e estudantil e preservando nossa liberdade didático-científica.

Antes de detalhar um pouco nossos compromissos, permitam-me uma pequena digressão.

O IFCH faz parte da minha vida desde 1989, quando ingressei no curso de graduação em Ciências Sociais. Era um período de otimismo e efervescência no cenário político brasileiro, com a primeira eleição direta para presidente da República após a ditadura militar. Hoje vivemos um período de profundos retrocessos. O autoritarismo obscurantista ameaça cotidianamente a liberdade de expressão e de manifestação, buscando cercear e destruir o pensamento crítico e reflexivo. Ao mesmo tempo, a política neoliberal promove o desmonte de programas sociais e a desvalorização dos serviços públicos, afetando profundamente as universidades. Além dos cortes no financiamento, que prejudicam nossas condições de ensino, pesquisa e as atividades de extensão, sofremos com os ataques sistemáticos à ciência e à autonomia universitária.

Esse contexto adverso atinge de modo particular as Ciências Humanas, cujas perspectivas teórico-metodológicas e temas de pesquisa são frequentemente questionados e deslegitimados em meio ao crescimento do negacionismo e da intolerância que resultam, não raro, em perseguições e tentativas de silenciamento.

Precisamos resistir e, ao mesmo tempo, buscar saídas para alterar essa realidade. O IFCH, com toda sua tradição e seu vanguardismo, é um importante lócus de resistência e mudança. Nossa capacidade de produzir conhecimento, formular políticas públicas e conceber projetos políticos comprometidos com a justiça social é reconhecida pela comunidade científica, mas ainda precisamos estreitar nossas relações com a sociedade. A defesa da relevância social e política da História, da Filosofia e das Ciências Sociais nos impõe um diálogo permanente com todos os setores preocupados com a construção de uma sociedade democrática e menos desigual. Por meio desse diálogo, podemos nos conectar à realidade e divulgar o trabalho que realizamos neste instituto radicalmente comprometido com a defesa da

universidade pública, dos direitos sociais e da democracia. Por isso, outro pilar que estrutura nosso programa é a necessidade de fortalecer nossa presença no debate público, de modo a ampliar o reconhecimento institucional e acadêmico que conquistamos, bem como difundir as contribuições que já fizemos, e aquelas que ainda podemos oferecer, para a sociedade e a universidade.

No âmbito interno, o IFCH vem contribuindo para as políticas de inclusão e democratização do acesso à universidade, bem como para o combate a qualquer forma de preconceito, discriminação e violência. Seus integrantes tiveram uma participação ativa no debate sobre a adoção das cotas étnico-raciais e o vestibular indígena, e atuam incansavelmente para assegurar e aprimorar as políticas de promoção da equidade e respeito aos direitos humanos nos diferentes espaços da Unicamp.

Gostaria de lembrar que o IFCH teve uma participação fundamental na *Comissão da Verdade e Memória* da Universidade, que leva o nome de nosso querido professor *Octavio Ianni*, mostrando a necessidade de assumirmos nossa responsabilidade histórica em busca da verdade, da justiça e da democracia. Em 2014, nosso instituto atuou, e hoje atua novamente, no movimento pela revogação do título de Doutor Honoris Causa concedido a Jarbas Passarinho em 1973. Como muitos colegas vêm sustentando, não se trata de apagar a memória, ou a história, mas de mantê-la viva, e a melhor forma de mantê-la viva é retificando os erros que as instituições das quais fazemos parte cometeram no passado.

O IFCH também vem contribuindo para a melhoria das condições de trabalho, tanto no que se refere à necessidade de produzir mecanismos institucionais para combater toda e qualquer forma de assédio, quanto no que se refere à análise dos problemas sociais e trabalhistas decorrentes de práticas como a terceirização. Como estudiosa das relações de trabalho, este é um tema que me é particularmente importante.

Deixo de lado os diferentes âmbitos de atuação do instituto e volto aos compromissos que assumimos com nossa comunidade.

Como Michel e eu constatamos no processo de elaboração da carta-programa, a paixão que temos por este instituto é amplamente compartilhada. O IFCH é um lugar no qual gostamos de estar, e que nos faz falta, como as contingências do trabalho remoto nos permitem perceber. Esperamos, em nossa gestão, dar continuidade aos avanços obtidos na gestão que se encerra, contribuindo para a promoção de um

ambiente de trabalho e convívio ainda mais solidário, inclusivo e cooperativo. Esperamos também que todos, docentes, técnico-administrativos e discentes se sintam plenamente partícipes do trabalho acadêmico, o que requer que nossas diferentes atribuições sejam reconhecidas e valorizadas. Essa é a marca que gostaríamos de imprimir a nosso mandato.

Como sabemos, a valorização do trabalho acadêmico exige o enfrentamento de uma série de aspectos de ordem política, jurídica e financeira para os quais a reitoria é um interlocutor incontornável. Buscaremos, insistentemente, a retomada da política de contratação de docentes e técnico-administrativos, de modo a garantir a reposição das aposentadorias e a obtenção de novas vagas. Nunca é demais destacar a importância da renovação geracional para a continuidade de nosso trabalho, bem como para a abertura de novos caminhos e perspectivas. Atuaremos, também, para garantir o direito à progressão nas carreiras e a necessária valorização de nossos salários.

Para que as políticas de democratização do acesso não se percam, buscaremos garantir e aprimorar as condições de permanência estudantil.

No plano do próprio instituto, comprometemo-nos a combater qualquer tipo de discriminação e assédio e a estimular uma maior equidade de gênero na divisão dos trabalhos e distribuição de cargos de coordenação e chefia. Não posso deixar de observar que, em 52 anos, serei a terceira mulher a administrar o IFCH. Há, portanto, muito o que se avançar nesse aspecto.

A Unicamp é hoje um lugar muito mais diverso do que aquela em que tive a oportunidade de viver, tanto como estudante quanto em meus primeiros anos de docência. Ainda assim, é preciso avançar para que as políticas de ampliação da diversidade repercutam em nossos cursos e disciplinas, permitindo a incorporação de novas epistemologias, a inclusão de temas marginalizados, regiões periféricas, autores e autoras invisibilizadas ao longo de séculos.

Encerro essas palavras lembrando os profundos laços — de ordem intelectual, profissional e afetiva — que tenho com o IFCH. Foi aqui que encontrei uma parte das pessoas que deram sentido a minha vida: meu companheiro, Marcos Novelli, cujo apoio para me lançar neste desafio gostaria de agradecer; meus amigos de tantas décadas desde a graduação, até hoje reunidos na nossa “cantina” virtual; meus

professores — por quem guardo carinho e admiração — e que se tornaram colegas, meus colegas que viraram amigos.

Por fim, o IFCH conseguiu se manter vivo e atuante no mundo virtual nestes tristes tempos de pandemia. Temos, diante de nós, o desafio de reocupar seus espaços e neles nos reconhecer quando chegar o tão esperado momento da retomada. Precisaremos contar com muitas doses de criatividade, imaginação política e ousadia para reinventar o cotidiano e vislumbrar novos futuros possíveis. Espero que, juntos, sejamos capazes de combater a devastação que nos cerca com renovadas e potentes utopias.

Muito obrigada!

Andréia Galvão

22 de julho de 2021